

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

O ÍDOLO PRÉ-HISTÓRICO DAS RELVAS.

NUNES, João de Castro

Ano: 1956 | Número: 66

Como citar este documento:

NUNES, João de Castro, O ídolo pré-histórico das Relvas. *Revista de Guimarães*, 66 (3-4) Jul.-Dez. 1956, p. 503-507.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O ídolo pré-histórico das Relvas

PELO DR. JOÃO DE CASTRO NUNES
Leitor de Português na Fac. de Filosofia e
Letras da Universidade de Salamanca.

Numa das minhas visitas ao lugar das Relvas, na freguesia da Teixeira, concelho de Arganil, tive o ensejo de em Setembro de 1952 ver um curioso objecto que, pela sua estranha decoração e evidente configuração antropomórfica, logo me chamou a atenção.

Obtida a sua oferta para o museu municipal (registo n.º 42), imediatamente foram enviadas reproduções fotográficas a diversos arqueólogos nacionais e estrangeiros que, de um modo geral, se mostraram unânimes em confirmar as minhas primeiras impressões. Com efeito, a opinião dominante foi a de tratar-se de um ídolo antropomórfico de carácter feminino, sem que de momento fosse contudo viável estabelecer paralelos concludentes com formas similares.

Achado há mais de meio século pelo pai do Sr. António da Cruz Barata, quando procedia a trabalhos de lavoura numa sua propriedade situada a uns cem metros da referida povoação, o invulgar objecto, que durante muito tempo serviu de motivo de diversão entre a gente da localidade, apresenta a configuração de uma cabaça com 24 buracos circulares dispostos segundo a fotografia anexa. Embora hoje se encontre mutilado na parte superior, quer em ambas as faces laterais quer no lado oposto à face decorada, o certo é que apareceu intacto, dando a impressão de, à excepção da base, que é plana, ter sido obtido por abrasão ou polimento em pedra de granito muito denso. As suas dimensões são as

seguintes: altura — 0,23 m.; diâmetro máximo — 0,18 m.; perímetro máximo — 0,59 m.; profundidade máxima das cavidades — 0,012 m.

Consta-me que no local em que estava enterrado existem, a relativa profundidade, manchas circulares de terra escura com vestígios de carvão, que bem poderiam ser fundos de cabana, e de fonte segura sei que, não longe dali, apareceu em tempos um machado de bronze, presentemente extraviado, que pela descrição deveria ser um machado de talão.

Prescindindo, porém, de estes e de outros dados ambientais que, por demasiado vagos, não oferecem condições de aproveitamento para a determinação da natureza e época do objecto em causa e limitando-me, portanto, ao estudo da peça em si, isto é, considerada como um objecto arqueológico isolado, resta-me estabelecer o seu confronto, tanto no aspecto formal como no meramente decorativo, com elementos susceptíveis de maior ou menor afinidade.

É o caso, sobretudo, de um objecto de quartzite procedente de Córdoba e reproduzido aqui, pela vez primeira, em desenho à pena do Dr. L. Monteagudo (fig. 1). De pequenas proporções (0,045 m.), apresenta na parte superior dois buracos cónicos de 3

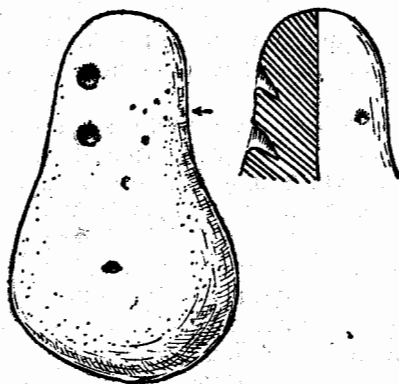
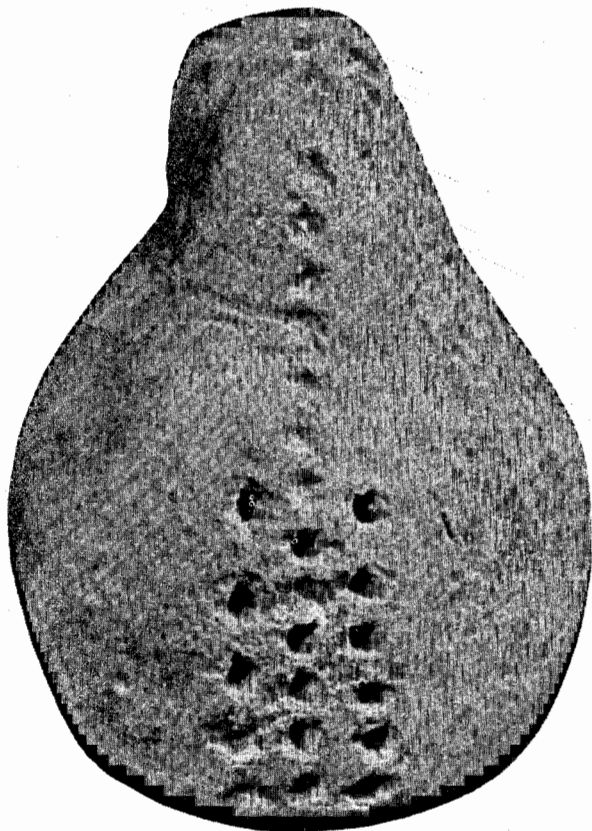


Fig. 1 — Objecto de quartzite do Museu Arq. Nac., de Madrid (peça n.º 7.096).

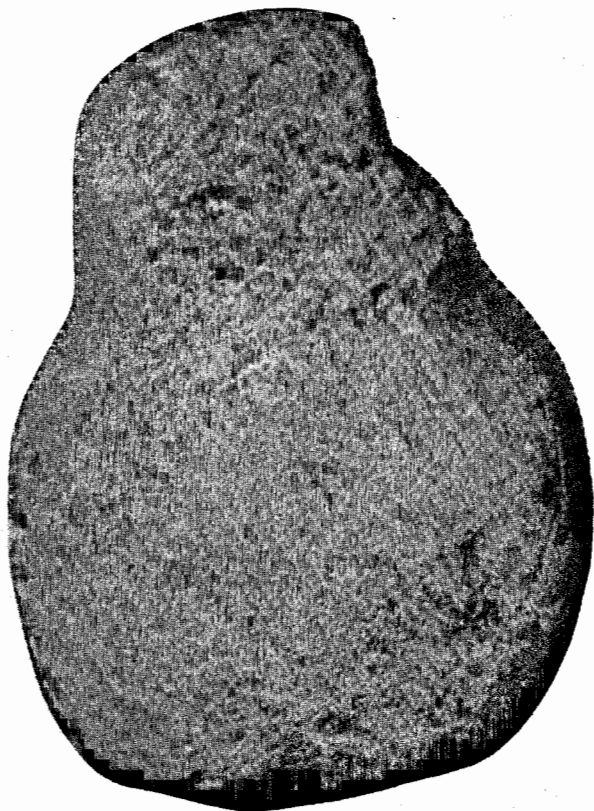
Desenho do Dr. L. Monteagudo



*O ídolo pré-histórico das Relvas
(visto de frente)*

Museu da Câmara Municipal de Arganil

Cliché de «A Comarca de Arganil»



*O idolo pré-histórico das Relvas
(visto de lado)*

Museu da Câmara Municipal de Arganil

Cliché de « A Comarca de Arganil »

e 4 mm. de profundidade, respectivamente, e mais ou menos do lado oposto, na altura indicada pela seta, uma outra cavidade menor de 2 mm. de fundo, o que pela sua acentuada inclinação e evidente falta de simetria nos faz perder a ideia de tratar-se de buracos de suspensão, como parece dar a entender O. Gil Farrés ⁽¹⁾ que, aliás, se inclina a atribuir ao objecto um certo carácter idolátrico ou, pelo menos, antropomórfico. Outra coisa não pretende com certeza insinuar quando diz que a peça lhe recorda, ainda que de longe, as «mujeres almerienses» de H. Breuil. Classificado por O. Gil Farrés como neo-eneolítico, o objecto cordovês, que pertenceu à colecção Rotondo, cujas etiquetas conserva ainda, encontra-se hoje no Museu Arqueológico Nacional, de Madrid, onde tem o n.º 7.096.

Por igual significativa é a identidade do seu contorno com o de certos petróglifos do noroeste da Península, mórmente os do Outeiro dos Carballiños, na Galliza (cf. R. Sobrino Buhigas *Corpus petrolyphorum Gallaeciae Compostelae MCMXXXV* tab. LXXV et LXXVI), de ainda hoje problemática cronologia, mas de um modo geral interpretáveis como sobrevivências mais ou menos tardias do mundo eneolítico ⁽²⁾, não deixando também de ser sugestiva a remota parecença do seu perfil com o de várias estátuas-menhires ou estelas antropomórficas da época do Bronze, nomeadamente do sul da França ⁽³⁾ e da Ligúria ⁽⁴⁾.

Se, porém, do aspecto morfológico passamos ao decorativo, são tão palpáveis aqui as semelhanças com determinadas pinturas esquemáticas do Cachão da Rapa, consideradas como representações idoliformes cronologicamente atribuíveis pela cerâmica achada

(1) *Adquisiciones del Museo Arqueológico Nacional (1940-1945)* Madrid 1947 p. 20.

(2) Cf. P. Bosch-Gimpera *La Edad del Bronce de la Península Ibérica (Archivo Español de Arqueología XXVII 1954 p. 57)*.

(3) Cf. E. Frankowski *Estelas discoideas de la Península Ibérica* Madrid 1920 p. 115 fig. 52, especialmente n.ºs 13 e 15.

(4) Cf., por exemplo, E. Neumann *The Great Mother* New York 1955 p. 127 fig. 19.

no local a uma avançada fase eneolítica ⁽¹⁾, que naturalmente somos levados a ver no ídolo das Relvas uma autêntica e surpreendente interpretação plástica daquelas, tanto mais que também num dos conhecidos ídolos pré-históricos de Butmir, na Bósnia, se nos oferece idêntica decoração, constituída por uma tríplice fiada quase paralela de cavidades circulares dispostas verticalmente ao longo do respectivo torso (fig. 2). E é ainda esta mesma decoração, com a variante de as três fiadas de pontos se encontrarem repetidas a cada lado da parte infe-

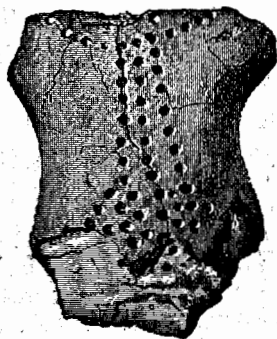


Fig. 2 — Ídolo esculpado de Butmir.

Ebert *Reallexikon* II 1925 est. 114 b.

rior do tronco, é ainda esta mesma decoração a que ostenta um dos ídolos de barro ⁽²⁾ de Cortes de Navarra, igualmente postos em paralelo pelo Prof. J. Maluquer de Motes (pp. 130-31) com os de Butmir, que na totalidade não considera neolíticos, podendo ser alguns da época do Bronze ou até mesmo do Ferro inicial (*ob. cit.* nota 53).

(1) J. R. dos Santos Júnior *As pinturas pré-históricas do Cachão da Rapa* Porto 1933 p. 37 da sep. do vol. VI dos *Trabalhos da Soc. Port. de Antropologia e Etnologia*.

(2) J. Maluquer de Motes *El yacimiento hallstático de Cortes de Navarra* Pamplona 1954 p. 128 fig. 40 est. LXXIII.

A única diferença apreciável consistiria em que tais buracos circulares apresentam nas pinturas do Cachão da Rapa a forma quadrangular, diferença aliás facilmente explicável pelo simples facto de não ser o mesmo o trabalho a executar: pintura num caso, perfuração no outro. De resto, nas próprias pinturas do Cachão da Rapa volta a aparecer-nos bem nítido, no ângulo inferior direito, o contorno em forma de cabaça do ídolo das Relvas, como pode ver-se no mapa a cores publicado pelo Dr. J. R. Santos Júnior *art. cit.* pp. 28-29 ou na fig. 3 p. 341 do seu estudo de conjunto sobre a arte rupestre incluído no vol. I das memórias e comunicações do *Congresso do Mundo Português* Lisboa 1940 pp. 329-376.

Esperando que futuras e metódicas escavações praticadas no local do seu aparecimento nos permitam vir a estabelecer mais sólidas conclusões acerca da antiguidade do presente objecto arqueológico, o mais que por agora me parece lícito concluir é que, dados os paralelos apontados e as numerosas representações antropomórficas de tipo feminino caracterizadas pelo volume convencionalmente exagerado da parte inferior do corpo (1), tudo induz a crer estarmos perante um curiosíssimo caso de interpretação local de um amplo conceito primário de culto à mulher, símbolo de fertilidade e abundância, de manifesta tradição matriarcal e cujo berço deverá necessariamente buscar-se no âmbito cultural das primitivas civilizações mediterrânicas.

Salamanca, Novembro de 1956.

(1) Cf. E. Neumann *ob. cit.*, pp. 94-146, especialmente p. 103.